



MINHA PALAVRA É AFIADA E CONTAMINA: FEMINISMO NEGRO ROMPENDO O SILÊNCIO DESDE A ESCRITA

Tatiana Nascimento dos Santos¹

Reescrevendo as linhas da conhecida história

Em 2004, entrei pra Letras – Português na Universidade de Brasília, na primeira turma aprovada pelo sistema de cotas étnico-raciais destinado a pessoas negras. Em 2007, três anos depois, conheci Ellen Oléria num curso de extensão promovido pelo NEAB, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da universidade, vinculado ao CEAM – Núcleo de Estudos Avançados Multidisciplinares. Ela me conheceu como feminista, e eu a conheci como atriz recém-formada em Artes Cênicas, curso para o qual entrara em 2002 na mesma universidade.

O curso “Estudos afro-brasileiros no contexto da Lei 10.639/03” durou quase um ano, mas só no final é que conheci a Ellen Oléria cantora, cantante, da voz transcendente. Conhecê-la como intelectual e parceira de questionamentos e confabulações ao longo do curso, e depois conhecer sua obra autoral, impactou minha formação acadêmica, mas especialmente minha identidade de poetisa negra lésbica feminista. É juntando todos esses retalhos que entendo a escrita como ponte constitutiva de resistências às hegemonias discursivas e de existências *outras*.

Com essa escrita-investigativa me lanço à compreensão de como a *escrita torta* de Ellen Oléria não só evidencia pertencimentos e identidades, mas articula ferramentas de constituição da própria subjetividade de forma resistente e combativa e evoca uma ancestralidade negra feminista pela intertextualidade. Importa saber que combatividade é essa, afinal, e em que termos se dá uma disputa entre racismo sexista *versus* uma consciência emanada dos poros e plasmada nas palavras. Outro interesse é o de escrutinar como o contato da cantora com um tipo de produção textual hegemônico, de prestígio, que é o acadêmico, interferiu, influenciou ou dialogou com sua produção poética-política.

Escolhi algumas teorias para isso, e além da Análise de Discurso Crítica (ADC) me apóio na filosofia feminista *de cor* de Audre Lorde e Gloria Anzaldua. E o que já é muito vira muito mais com as próprias elaborações de uma mente aquariana que junta o dito ao não-dito, ao escrito, ao

¹ Licenciada em Letras – Português pela Universidade de Brasília, UnB. Integrante da ONG Coturno de Vênus – Associação Lésbica Feminista de Brasília, e do Fórum de Mulheres Negras do DF. dissonante@gmail.com



vivido e aprendido nesses 29 anos de existência lesbiana, negra, feminista compartilhada com outras mulheres mais ou menos como eu.

A obra de Norman Fairclough, acadêmico europeu branco que é um dos principais teóricos da ADC, e que me serve por ser uma ferramenta interdisciplinar constituída desde uma compreensão do contínuo entre cultura e linguagem. Elas são então emanações de um mesmo fluxo, uma vez que a língua (como produto) é “o coração do corpo da cultura” (Bassnett, 2005: 36) e a cultura humana, nessa compreensão especista de mundo², só existe como tal pela capacidade de linguagem (processo³). Para relacionar de que forma a produção de certos tipos de discurso *convém a* ou *repele* certas instituições e formas de poder, e explicitar que categorias ou funções de linguagem executam tal ou qual papel, selecionei trechos de três discursos da cantora Ellen Oléria, duas músicas e uma entrevista.

Além disso, um dos pontos de partida dessa teoria, que é a noção de discurso como prática social que pode tanto perpetuar quanto questionar hegemonias, é imprescindível aqui. Hegemonia vem entendida no sentido consagrado por Antonio Gramsci, também europeu e branco, comunista, como sistema de dominação/opressão efetuado por determinados grupos sociais sobre outros, e desdobrada na acepção dialética da disputa de poder que se estabelece entre esses grupos. Os poderes que aqui me interessam são, especificamente, o racismo, o sexismo e a lesbofobia como especialização do heterossexismo, com seus desdobramentos epistemológicos – visto que criam culturas de silenciamento e apagamento de formas outras de produção de conhecimento – e identitárias – visto que criam culturas de eliminação do que é considerado como desviante, ou diferente.

Entendo lesbofobia/sexismo e racismo como sistemas de poder ideológicos, articulados/materializados de diversas formas (simbólico-discursivas, materiais, relacionais etc) e que se propõem a manter uma economia específica de organização social e distribuição espacial, temporal e afetiva dos corpos e das pessoas, bem como de suas relações (de produção e reprodução).

Audre Lorde, poetisa negra lésbica feminista, assim os define: “Racismo, crença na superioridade inerente de uma raça em relação às demais e, portanto, em seu direito de domínio. Sexismo, crença na superioridade inerente de um sexo e, portanto, em seu direito de domínio”⁴.

² Algumas autoras e autores têm mostrado que nem a cultura nem a linguagem são privilégios humanos. Donna Haraway e Gregory Bateson estão entre @s mais publicad@s.

³ Não entendo processo e produto como dicotomias, mas como momentos específicos de um mesmo todo.

⁴ O artigo é “Race, age and class: women redefining difference”, do livro *Sister outsider*, publicado em 1984 pela Crossing Press Feminist Series.



Desenvolvo a conceituação da autora para afirmar que heterossexismo será, então, a crença na superioridade inerente de uma orientação afetivo-sexual, a heteronormativa, e, portanto, seu direito de domínio sobre outras, como a lesbiana – o que configura a lesbofobia.

Ideologia é um conceito que também me convém; parto da leitura de Norman Fairclough que a atualiza como “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (Fairclough, 2008: 117), ou seja, sistemas simbólicos de gerenciamento mental e social que operam dialeticamente, sendo ao mesmo tempo *processo de elaboração das e produto elaborado pelas* realidades sociais.

Então, se há significações que servem à manutenção do poder, quais podem questioná-lo? Como funcionam os discursos contra-hegemônicos? Investigo de que forma certas categorias de análise se prestam à abordagem dos discursos que surgem em resposta àqueles aos quais tais categorias geralmente se debruçam.

Apresento uma discussão breve sobre o *significado identificacional* do discurso, proposto por Fairclough, por considerar fundamental explicitar as frequentes enunciações do *eu* na obra da autora. A intertextualidade também é interessante quando explicita como se formam as pontes entre textos: com quem conversam as enunciações identitárias que emergem dos discursos da cantora? Como os textos se conversam? Também uso a metáfora, categoria analítica que Fairclough destaca em sua obra pelo caráter de estruturar “o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental” (Fairclough, 2008: 241): que significados as metáforas de Ellen Oléria podem construir?

Mais palavra da boca escorrendo: identidade como processo intertextual

Parto da análise de uma entrevista que Ellen Oléria concedeu ao segundo número do Nosso Jornal, publicação do Coletivo em Defesa das Cotas Raciais da Universidade de Brasília lançada em março de 2010, e duas canções de sua autoria: “testando” e “antiga poesia”. Ambas canções são hiphop e a primeira, “testando”, foi lançada no disco de estréia da cantora, Peça, em 2009, mas “antiga poesia” ainda não foi lançada ‘oficialmente’, estando disponível em duas versões de vídeo na internet⁵.

⁵ Disponíveis ambos no www.youtube.com.



Ellen Oléria é uma mulher negra de 26 anos, nascida e criada no Distrito Federal, na fronteira entre Taguatinga e Ceilândia, a QNL, conhecida popularmente como Tailândia. Ela se apresenta publicamente desde os 16 anos, mas faz músicas desde mais cedo. É lésbica, fala publicamente sobre sua orientação afetivo-sexual, e já militou no Fórum de Mulheres Negras do DF. A cantora é formada em Artes Cênicas pela UnB mas não exerce o ofício de atriz. Sobre o aprendizado universitário, ela diz:

Eu aprendi uma coisa na universidade (com os encontros que eu tive). Uma coisa que é não me acabar nessas conversas: “ah, a gente não tem nome? Então tá bom”. Não vou ficar dando de bandeja o meu conhecimento que não foi registrado nos livros, pois ele é trazido no meu peito, na minha voz. Eu não vou ficar botando isso em jogo em qualquer lugar, pra qualquer pessoa. Eu tive que correr atrás para saber da minha história e tive que cavar fundo, pois não está registrada em lugar nenhum. (Entrevista, grifos meus)

Essa percepção do embate entre epistemologia hegemônica e epistemologia resistente é constante ao longo de sua obra, como mostram os trechos “não vou ficar dando de bandeja (01) o meu conhecimento (02)” e “eu tive que correr atrás (03) para saber da minha história (04)” que

- a) evidenciam sua consciência do processo de protagonismo na própria constituição subjetiva, em que (04) “minha história” e (02) “meu conhecimento” conjugam, de um lado, uma história coletiva de negritude atravessada pela violência do processo de seqüestro e escravização colonial, com seus lastros na desigualdade racial presente até hoje na sociedade brasileira, e de outro a história pessoal da autora, de sua constituição como sujeita nesses fluxos e refluxos entre racismo e negritude como sistemas antagônicos;
- b) há uma noção pungente de que o movimento de protagonismo/agência dentro de tal contexto de antagonismos e na contramão da hegemonia demanda uma percepção deliberada do processo de estar no mundo e tomar consciência de si, numa subjetividade auto-reflexiva e atuante, não meramente receptiva ou inconscientemente espectadora, como fica explícito em (03) “eu tive que correr atrás” e (01) “não vou dar de bandeja”. Aqui, cabe o conceito de “agentes incorporad@s” de Fairclough (Fairclough apud Resende, 2006: 79), que define uma experiência auto-consciente e ativa no mundo.

O conceito de *significados* de Fairclough atualiza as funções de linguagem da Linguística Sistêmica Funcional ao explicitar a indissociação entre análises linguística e extra-linguística, ou seja, dos textos E contextos, essas interações são materializadas pela linguagem. Dentre os significados há o identificacional, em que o discurso torna óbvia a identificação d@s sujeit@s que o enunciam. Identidade é outro daqueles termos tão caros quanto polissêmicos às ciências sociais, e a compreendo como um todo processual em que as experiências (ancestrais e vividas), aprendizados, conhecimentos, intuições e outros traços são entrelaçadas e nos permitem dizer quem somos. Como



conceito costuma acompanhar o de diferença numa dicotomia que tem servido para definir pela exclusão: “o que sou” se relaciona com “o que não sou”, ambos processos balizados por modelos sociais historicamente prestigiados.

Rita Laura Segato, antropóloga feminista latinoamericana branca, ressignifica esse debate analisando-o não em termos de “identidade e (*versus*) diferença”, mas em termos de alteridade em contexto. Ela pensa identidade além das críticas rasas e *enrasantes* dos essencialismos, para fora das categorizações feitas pelo Um para o outro⁶, as classificações que Resende e Ramalho definem como “privilégio de atribuir valores aos grupos classificados” (Resende e Ramalho, 2006: 77). Segato, analisando como o “estado nação” homogeniza a diversidade étnica, política e cultural de diversos povos que territorializados em fronteiras, aponta o que é entendido como “identidades políticas” se elabora na alteridade como processo histórico, político, contextualizado *a partir de e contra* determinados sistemas de opressão, i. e., como disputas políticas:

Dentro de esa formación, “alteridades históricas” son los grupos sociales cuya manera de ser “otros” en el contexto de la sociedad nacional se deriva de esa historia y hace parte de esa formación específica. Las formas de alteridad histórica propias de un contexto no pueden ser sino falaciosamente transplantadas a otro contexto nacional. (Segato, 1998: 09).

A experiência histórica, particular e política, contextualizada e experiencial é única e não-reproduzível. Polarizar várias possibilidades identitárias existentes e alguns modelos específicos dicotomiza opressão/aniquiação ou dominação/adequação e modela a disputa de *subjetividades discursivas* pelo direito mesmo de existir, já que a instituição de Um como sujeito cria Outros *objetificáveis*. Ser, portanto, passa pelo exercício do dizer(-se). Em sua *Carta às mulheres escritoras do terceiro mundo*, Gloria Anzaldúa (2000), poetisa lesbiana *chicana* feminista, escreve assim sobre sua escrita:

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. (Anzaldúa, 2000: 232).

No caso específico e emblemático de identidades negras diaspóricas, construídas por contraste com as identidades brancas colonizadoras, e no caso de identidades homoafetivas construídas no contraste às heteronormativas, identidade como auto-enunciação é definitivamente um processo de luta social, um embate pelo direito de existir e *enunciar-se* frente a identidades que são não só hegemônicas, mas aniquiladoras e silenciadoras. Em “antiga poesia”, Ellen Oléria

⁶ Susan Bordo a melhor discussão política que já li sobre isso em um artigo belíssimo publicado pela REF – Revista de Estudos Feministas: *A feminista como o outro*. Disponível em <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-020937bordo.pdf>



afirma: “o meu desejo é que o seu desejo não me defina”, definindo sua identidade ao bloquear o poder de definição alheia. Isso põe em perspectiva os “sistemas legitimados” que fundamentam a atribuição de sentido a identidades e diferenças (Ramalho e Resende, 2006).

Ellen Oléria conversa com Anzaldua quando enuncia: (04) “para saber da minha história”, explicitando, frente a esse debate/disputa de identidades e diferenças, que há histórias e formas de se apropriar delas. Algumas são sabidas, conhecidas, publicizadas. Outras são enterradas, e há que se cavar para encontrá-las. Identidades escondidas, identidades como tesouros. Que devem ser celebradas. Nos versos finais de “antiga poesia”, há intertextualidade com o poema “Você não vai celebrar comigo?”⁷, de Lucille Clifton: “vem celebrar comigo que / todo dia alguma coisa tentou me matar / e fracassou”. Ellen canta que “todo dia alguma coisa tentou me matar / e eu me refiz / Dandara / Akotirene”.

Entendo que uma identidade *intertextual*, porque construída coletivamente (Lucille Clifton é uma poetisa negra dos EUA com uma linda obra feminista e anti-racista, Dandara e Akotirene são heroínas negras do quilombo de Palmares), se contrapõe à identidade hegemônica aniquiladora – que também ser definida pela *agência* de Fairclough: primária, quando em existências que não se percebem dentro dos fluxos de poder, ou incorporada, quando há consciência da dominação. Lorde chama atenção para a relação dialética entre oprimid@s e opressores quando esses são agentes primários:

Sempre que se apresenta a necessidade de iniciar uma suposta comunicação, quem se beneficia de nossa opressão nos pede que compartilhemos com eles nossos conhecimentos. Dito de outro modo, ensinar os opressores quais são seus erros e responsabilidades dos oprimidos. Eu sou a responsável por educar os professores que desprezam a cultura de minhas crianças na escola. As pessoas Negras e do Terceiro Mundo são responsáveis por educar as pessoas brancas para que reconheçam a nossa humanidade. Das mulheres se espera que eduquem os homens. Das lésbicas e gays que eduquem o mundo heterossexual. Os opressores conservam sua posição e esquivam sua responsabilidade de seus próprios atos. E há uma perda contínua de energias, que se poderiam ser melhor usadas se fossem dirigidas a definição do nosso próprio ser e a planificação realista para modificar o presente e construir o futuro. (tradução minha do artigo já citado)

Audre Lorde não só explicita que identidade é um processo de elaboração-de-si em termos de disputa (com identidades outras), mas que a elaboração de identidades hegemônicas é colonizadora até quando apresenta disposição de reavaliar seu estar no mundo. Se entendemos racismo e sexismo >> lesbofobia (heterossexismo) como sistemas que criam culturas de repetição exaustiva de determinadas vozes/existências com o silenciamento de outras, a tarefa de “educar os opressores” ficar a cargo unicamente d@s oprimid@s também se estabelece como uma de

⁷ Tradução minha, versão integral disponível em <http://paradalesbica.com.br/2009/02/eu-inventei-aqui-nessa-ponte-entre-poeira-de-estrela-e-barro-essa-minha-mao/>



colonização, em que uma existência está a serviço da outra mesmo quando ambas questionam a servidão.

Em “antiga poesia”, Ellen canta que tem “mais palavra da boca escorrendo”. Diz que o outro “finge que tá junto” enquanto ela continua escrevendo. Parece sugerir empatia como um movimento que vá além da mera aproximação, e no seu continuar escrevendo há mais uma conversa com Anzaldúa sobre a *escrita de si* como condição de uma representatividade menos *outrizante*, mais protagonizada. Que rompa os termos discursivos da servidão.

Escrevo sem ter linha, escrevo torto mesmo... (de metáforas e metas)

No trecho (01) da entrevista, “não vou ficar dando de bandeja”, a metáfora de servidão é significativa. Nossa linguagem é simbólica: as palavras não fazem referência imediata a coisas, mas antes a idéias que temos sobre coisas. Assim é que a metáfora não é mero recurso estilístico, mas arquiteta a apreensão mesma dos significantes e sua representação como significados. “Dar de bandeja” remete imediatamente à idéia da criada, do serviçal: mordomo, garçoneiro, garçom. Desdobra o sentido popular do termo, que pode expressar “dar algo gratuitamente, sem que outrém faça esforço para receber”, vai em busca de suas raízes.

Numa sociedade de classes inauguradas por um sistema escravagista de exploração da mão-de-obra negra (num primeiro momento escravizada, e posteriormente mal remunerada), as raízes de “dar de bandeja” reelaboram alguns significados de um herança colonial insistente, exatamente a que se refere ao trabalho doméstico no Brasil. As *amas* coloniais tornam-se as *secretárias do lar*, as que tornam outras vidas fáceis com a precarização de suas próprias vidas⁸.

As metáforas de disputa (raciais, de gênero, de classe) são recorrentes nas três peças que analisei, e os limites desse artigo não me permitem comentar todas. Se as relações sociais são permeadas de disputas, por manutenção ou contestação do poder, elas ficam explícitas pelo discurso. Mas interessa apontar que as formas de disputa por poder são outras, e se dão por expedientes diferentes. Às vezes, questionam o próprio poder⁹. Na música “testando”, os primeiros versos trazem uma dessas que chamo metáforas de disputa, e o analiso desde essa assunção, muito cara a mim, de que as ferramentas do amo não vão desconstruir a casa grande; sendo assim, o que podemos fazer com essas ferramentas para ressignificá-las e construir nossos próprios reinados?

⁸ Luiza Bairros trata o tema magistralmente no artigo "Nossos feminismos revisitados". *Revista de Estudos Feministas*. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

⁹ John Holloway tem uma frase que diz que nossa luta não é contra o poder, mas antipoder.



Ellen Oléria começa a música cantando “eu / eu não domino a esgrima (05) / mas minha palavra / a minha palavra é afiada e contamina (06)”. Em (06), o uso metafórico de “esgrima” traz uma referência imediata ao código de prestígio por referir-se a uma prática aristocrática, elitista; entretanto, o alcance metafórico da oração não se dá unicamente pela acepção desse nome, mas se completa ao trazer a seleção por “dominar”, que consolida a assunção de duelo, o embate racial e de gênero que a autora reforça em outros momentos da canção. Em (06), a subordinação adversativa reforça esse caráter em termos formais, mas a carga semântica do período extrapola a idéia de oposição ao estabelecer uma atmosfera de despeito pelo código de prestígio, aparentemente irrelevante ou ineficaz perto da palavra que é afiada e contamina. O determinante “afiada” faz referência direta a espada, a lâmina. São todas metáforas de guerra, produzidas numa sociedade que aposta no mito da democracia racial para explicar-se.

Encerro voltando a “antiga poesia”, quando a cantora canta “Eu entendi seu livro. Eu entendi sua língua. Agora minha língua, minha rima eu faço. Eu já me fiz sozinha”. Mesmo apontando sua agência protagonista para elaboração de si mesma, a música pauta, nos refrões, um Salve às mulheres negras afro-latinoamericanas e afro-caribenhas, e faz uma referência explícita a uma renomada poetisa negra. É um entender-se dentro da continuidade histórica de uma alteridade elaborada na pedra da consciência negra. Ellen Oléria encerra a música “testando” conclamando o basalto, minério negro, que emana de seus poros: “basalto que emana de meus poros / minha consciência-pedra nesse instante”. Suas palavras fluem no rio ancestral da vida de pele, palavra e pedra que marcamos com grafite imaginário ou letrado através de nossa existência *outra*. Pedra não-monolítica, palavra torta e pele negra.

Referência bibliográfica explícita

BASSNETT, Susan. Estudos de Tradução. Editora da UFRGS. 2005.

COLETIVO em Defesa das Cotas Raciais. Nosso Jornal, número 02, março. Publicação própria. 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008 (reimpressão).

LORDE, Audre. Sister Outsider. Local, ANO.

RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. Análise Crítica do Discurso. Contexto, 2006.

SEGATO, Rita Laura. Alteridades históricas/Identidades políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global, 1998. Disponível em <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie234empdf.pdf>> Acesso em 04/06/2010



ANZALDUA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo*. 2000, SC, REF.